

educomunicação e educação ambiental climática: experiência formativa na rede municipal de são paulo

educommunication and climate environmental education: training experience within são paulo municipal school system

Fernanda Rivello Lazar

Educadora Socioambiental e Pesquisadora

Projeto Educom&Clima

São Paulo, SP

Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-8406-320X>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.17503695>

Resumo: A emergência climática é um dos maiores desafios da humanidade, de alta complexidade, com impactos globais e locais. Intensificada após a revolução industrial, exige respostas integradas em diversas dimensões: científica, política, tecnológica, ético-cultural, educacional e epistemológica. Enfrentá-la vai além do repasse de informação: requer formar cidadãs e cidadãos mais sensíveis, críticos e éticos em relação à complexidade ambiental. Neste contexto, a educação ambiental com o seu caráter crítico e transformador, e a educomunicação, como uma ferramenta de escuta, produção colaborativa de sentidos e significados potencializam processos formativos. Este artigo analisa a experiência formativa do curso piloto “Educomunicação Socioambiental: precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas”, voltado a educadores/as da rede municipal de São Paulo. O curso, realizado de fevereiro a maio de 2025 no formato híbrido, teve como objetivo ampliar o repertório crítico e metodológico dos participantes diante da emergência climática, integrando os fundamentos da educomunicação e da educação ambiental. A partir de uma abordagem qualitativa e da pesquisa-ação, foram observados encontros presenciais e interações online com foco nos princípios educomunicativos, conforme definidos pela organização CIPÓ. A análise apontou que os princípios da participação ativa, motivação, interatividade, afetividade e cooperação estiveram presentes ao longo de toda a formação. Apesar da pouca explicitação conceitual sobre a educomunicação, observou-se um processo formativo sensível, dialógico e comprometido com a transformação territorial. A experiência contribuiu para a construção de um ecossistema comunicativo capaz de articular comunicação, educação e ação frente à emergência climática, tornando os participantes agentes de transformação socioambiental em seus territórios.

Palavras-chaves: (1) Educomunicação; (2) Emergência climática; (3) Educação ambiental; (4) Formação.; (5) Ecossistema comunicativos.

Abstract: The climate emergency is one of the greatest challenges of the century, and one of high complexity, with global and local impacts. Originating after the industrial revolution, it requires integrated responses in several dimensions: scientific, political, technological, ethical-cultural, educational, and epistemological. Addressing it goes beyond the transfer of information: it requires educating citizens to be more sensitive and ethical in relation to environmental complexity. In this context, environmental education, with its critical and transformative nature, and educommunication, as a tool for listening and the collaborative production of meanings and significances, enhance educational processes. This article analyzes the educational experience of the pilot course "Socio-Environmental Educommunication: We Need to Talk About the Climate Emergency in Schools," aimed at educators in the São Paulo municipal school system. The course, held from February to May 2025 in a hybrid format, aimed to broaden the critical and methodological repertoire of participants in the face of the climate emergency, integrating the fundamentals of educommunication and environmental education. Using a qualitative approach and action research, face-to-face meetings and online interactions were observed, focusing on the principles of educommunication, as defined by the CIPÓ organization. The analysis showed that the principles of active participation, motivation, interactivity, affectivity, and cooperation were present throughout the training. Despite the lack of conceptual clarification on educommunication, a sensitive, dialogical training process committed to territorial transformation was observed. The experience contributed to the construction of a communicative ecosystem capable of articulating communication, education, and action in the face of the climate emergency, making participants agents of socio-environmental transformation in their territories.

Keywords: (1) Educommunication; (2) Climate emergency; (3) Environmental education; (4) Education; (5) Communicative ecosystem.

Introdução

A emergência climática é um dos maiores desafios deste século e que vem se agravando a cada dia, de alta complexidade, uma vez que é de alcance global, mas que impacta diretamente os nossos “quintais” e o nosso modo de viver. Tal problemática teve início pós-revolução industrial e exige respostas articuladas entre as dimensões: ciência, política, tecnológica, ético-culturais, educacional e epistemológica (JACOBI, et. al 2022; LIMA 2013).

Diante de um cenário de incertezas, a invisibilidade do risco climático na vida cotidiana se dá, muitas vezes, pela falta de conhecimento, entendimento, sensibilidade e uma sociedade amedrontada, conhecida também como “sociedade de risco” (ZUPELARI, et al. 2014).

Uma das consequências pode ser o negacionismo climático, a desinformação e *fake news*, sendo um agravante desafiador para ações voltadas para a educação.

Neste contexto educacional, abordar a emergência climática é promover a formação consciente, ética e sensível dos sujeitos em relação à complexidade ambiental e não apenas repassar informação. Logo, podemos dizer que a educação ambiental vem com o movimento teórico-prático de caráter crítico e comprometida com a transformação social, voltado para o processo constante de reflexão crítica (SUAVÉ 2005).

Conforme discutido por Guenther et al. (2023), há avanços nas políticas públicas e nos marcos legais da educação ambiental no Brasil, principalmente no dispositivo normativo da Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), porém ainda há muitos esforços e investimentos para efetivar, em especial quando nos referimos ao contexto educacional. As práticas pedagógicas, que articulam conteúdos ambientais ao cotidiano das escolas de forma significativa, continuam limitadas por ser relativamente desafiador mobilizar em prol da causa.

Neste cenário, a educomunicação se mostra potente para aprimorar os processos formativos, por meio da escuta ativa, da produção colaborativa de sentidos e significados e da ampliação dos espaços de expressão no ambiente (SOARES 2011; KAPLÚN 1998). Fundamentada em princípios como o diálogo, a participação, a autonomia e a mediação crítica da informação, a educomunicação permite a integração entre comunicação e educação como práticas de emancipação (CIPÓ 2014).

Este artigo tem por finalidade a análise inicial da presença ou não dos princípios educomunicativos na primeira etapa do curso piloto *“Educomunicação Socioambiental: Precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas”*, realizado com professores da rede municipal de São Paulo. A proposta formativa teve como objetivo ampliar o repertório crítico e metodológico de educadores frente à emergência climática, a partir de

uma abordagem que integra os fundamentos da educomunicação com os princípios da educação ambiental crítica.

A análise metodológica do artigo se dá a partir da pesquisa-ação por meio da abordagem qualitativa, no qual permitiu o acompanhamento contínuo das aulas presenciais, abraçando o vivenciar dos encontros, além das interações online, bem como a sistematização das experiências vividas por educadores/as. O curso, em sua primeira etapa, contou com 11 encontros presenciais e ações complementares via plataforma Moodle, envolvendo atividades optativas.

Fundamentado pelos princípios socioambientais sintetizados pela organização CIPÓ Comunicação Interativa, este artigo apresenta reflexões sobre se - e quais as formas que - a abordagem educomunicativa se manifestou ao longo do processo formativo.

Fundamentação teórica

O pensamento instrumental e os valores de mercado nos levaram à super exploração do ambiente. O aumento da população e os modelos econômicos de desenvolvimento da sociedade atual pós-revolução industrial impactam diretamente no meio socioambiental, como por exemplo: a perda de biodiversidade, escassez de água, mudanças climáticas e injustiça climática, desmatamento, desigualdade social, aumento de doenças, entre outros problemas, gerando múltiplas crises que já nos fez ultrapassar vários limites planetários (ÇELIK 2022; DIAS, 2016).

Dentro das múltiplas crises temos a comunicacional, pois envolve a disputa de sentidos, a mediação e diante de um cenário socioambiental lamentável, no qual se destaca a desinformação climática, onde as informações enganosas são disseminadas de forma incontrolável que molda percepções públicas e manipulam comportamentos (JESUS-SILVA et al. 2024). Segundo Latour (2020), não estamos vivendo a pós-verdade, mas sim pós-política:

A questão, portanto, não é saber como corrigir as falhas do pensamento, mas sim como partilhar a mesma cultura, enfrentar os mesmos desafios e vislumbrar um panorama que possamos explorar conjuntamente. A primeira atitude demonstra o vício habitual da epistemologia, que consiste em atribuir a supostos déficits intelectuais algo que é meramente um déficit de prática comum (LATOUR 2020: 36).

Diante desta situação a educação ambiental vem com o intuito de ação-reflexão, como reforça Sorrentino et al. (2005):

A educação ambiental surge como uma das possíveis estratégias para o enfrentamento da crise civilizatória de dupla ordem, cultural e social. Sua perspectiva crítica e emancipatória visa à deflagração de processos nos quais a busca individual e coletiva por mudanças culturais e sociais estão dialeticamente indissociáveis (SORRENTINO et al. 2005: 285).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CF88), o caput do artigo 225 estabelece que

Todos têm o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”, enquanto o art. 225 § 1º, VI da CF88 visa “promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente (BRASIL 1988).

Observa-se que a própria Constituição assegura um meio ambiente saudável para todos e impõe a Educação ambiental para a preservação ambiental.

Destaca-se que a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que instituiu a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), passou por recente alteração pela Lei nº 14.926/2024 com o intuito de dar visibilidade e relevância à emergência climática no âmbito da educação ambiental. Entre os objetivos incluídos, está o estímulo à participação individual e coletiva, inclusive das escolas em todos os níveis de ensino, em ações de prevenção, mitigação e adaptação às mudanças do clima, no enfrentamento da perda de biodiversidade e na promoção de processos educativos voltados à percepção de riscos e vulnerabilidades diante de desastres socioambientais. Nesse mesmo sentido, a lei evidencia como a alteração da PNEA busca dar maior visibilidade à agenda climática no campo da educação ambiental.

Para corroborar com a importância de se trabalhar a temática da emergência climática nas escolas, uma pesquisa realizada pela Nova Escola, apontou que:

98% dos mais de 13 mil docentes participantes, de todas as etapas da Educação Básica, disseram acreditar que a sociedade está vivendo fenômenos climáticos extremos com maior frequência e que é importante ensinar sobre o tema para os alunos (MOYA 2024).

Contudo, a realidade sobre preparo ainda é muito baixa. Moya (2024) explica que “os educadores expressaram a falta de materiais educativos

Letramento SocioAmbiental, Atibaia, 3 (2): 969-990, 2025
atualizados, atividades práticas e formações para lidar com a temática da emergência em sala de aula”.

As formações de educadores permitem aos participantes adquirirem e compartilharem conhecimentos, habilidades e experiências, por meio do pensamento crítico e desenvolvimento de abordagem pedagógica sistêmica. Elas tendem a ser fundamentais para a identificação de inter-relações quando se trata sobre as questões ambientais, sobretudo a emergência climática (ZEZZO et al. 2022).

A educação ambiental tem grande relevância para contribuir no desenvolvimento de um olhar sistêmico, dialógico e comprometido com a transformação social, sendo necessário que se aprenda a discutir, a escutar, a argumentar, convencer, em suma, a comunicar-se significativamente por meio de um diálogo entre saberes de diversos tipos: científicos, de experiência, tradicionais etc, dialogando com os princípios e ética da educomunicação (SAUVÉ 2005).

Assim como a educação ambiental, a educomunicação se baseia na comunicação popular. Um de seus principais teóricos, o comunicador argentino Mário Kaplún, corrobora que a educação atrelada à comunicação deve ser vista como um processo de sensibilização, de pertencimento e processo de transformação social, como tal vem se fortalecendo como política pública:

Educación que pone el énfasis en el proceso: destaca la importancia del proceso de transformación de la persona y las comunidades. No se preocupa tanto de los contenidos que van a ser comunicados ni de los efectos en término de comportamiento, cuanto de la interacción dialéctica entre las personas y su realidad; del desarrollo de sus capacidades intelectuales y de su conciencia social (KAPLÚN 1998: 19).

Nesta perspectiva, a educomunicação pode ser um fator decisivo para potencializar a transformação social necessária a fim de se alcançar um futuro mais sustentável, justo e inclusivo para todos e todas. Este campo interdisciplinar combina educação e comunicação, promovendo a utilização de ferramentas comunicativas para educar e engajar os cidadãos, especialmente em temas de interesse público. A educomunicação capacita as pessoas a se tornarem agentes ativos de mudança, ao fomentar o pensamento crítico, a consciência ambiental e a participação social (SOARES 2011). Ao alavancar as tecnologias da informação e da comunicação, a educomunicação permite a criação de redes colaborativas e comunidades de prática:

... a educomunicação como uma comunicação para o desenvolvimento sustentável, situando-nos entre aqueles que acreditam que o enfrentamento das múltiplas crises que vivenciamos pressupõe profundas mudanças estruturais, políticas, sociais, econômicas, institucionais e culturais (BRIANEZI & GATTÁS. 2022: 35).

Neste cenário, o ecossistema comunicativo emerge como um elemento crucial (BARBERO 1997). Ele é responsável por moldar a percepção pública, influenciar comportamentos e criar narrativas que promovam uma sociedade mais sustentável e atenta. A comunicação dialógica pode sensibilizar e engajar diferentes públicos em torno das questões climáticas, disseminando informações, promovendo cooperação e mobilizando ações concretas.

Logo, a articulação entre educomunicação e educação ambiental climática é estratégica, pois permite promover práticas formativas que não apenas informem sobre o clima, mas que envolvam afetivamente os sujeitos, permitindo que reconheçam seu papel e suas possibilidades de ação diante da crise. Essa intersecção possibilita a construção de processos educativos sensíveis ao território e conectados com as realidades e os saberes das comunidades escolares.

Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa e exploratória, guiada pelos princípios da pesquisa-ação, entendida como um procedimento reflexivo, sistemático e crítico, orientado para a resolução de problemas situacionais, movido pelo desejo de mudança e transformação educacional e/ou social (CORRÊA et al. 2018; PERUZZO 2012).

Para este artigo, foi realizada análise-reflexiva de como a educomunicação esteve presente ou não no curso piloto “Educomunicação Socioambiental: Precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas”, realizado com educadores e educadoras da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo.

Para embasar as reflexões iniciais foi utilizado o material da organização Cipó Comunicação Interativa, no documento *Entretantos: guia de educação pela comunicação na escola*, que propõe os nove princípios, sendo eles:

1. Inclusão (respeito à diversidade, em seu modo de ser, estar e existir);
2. Criatividade (pensar fora da caixa, conhecer o diferente, usar o imaginário);

3. Motivação (prazer em realizar o projeto/ação, por vontade própria);
4. Observação crítica e experimentação (leitura crítica da mídia a partir também do fazer, sendo mais atento);
5. Participação ativa (ser protagonista do processo, sujeitos ativos no processo);
6. Interatividade (cogestão do processo entre todos os participantes, professores e alunos, uma relação horizontal);
7. Integralidade (refere-se aos quatro pilares da educação definidos por Jacques Delors: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser);
8. Qualidade (excelência no processo que resultará em um bom produto); e,
9. Afetividade e cooperação (trata-se do cuidado e do respeito, trabalho coletivo e colaborativo).

Sobre o curso

O curso piloto “*Educomunicação Socioambiental: precisamos conversar sobre emergência climática nas escolas*” insere-se no contexto do projeto “*Como a educomunicação pode ampliar e qualificar as práticas de educação ambiental climática na Educação Básica no Brasil?*”, financiado pela Fapesp por meio do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas - Chamada de Propostas 2023 (processo 2023/08836-2)¹.

O curso foi realizado na modalidade híbrida, com a carga horária de 60 horas, sendo que 33 horas de encontros presenciais (11 encontros de três horas cada) e 27 horas de atividades assíncronas no *Moodle Extensão da USP*. O curso foi destinado a educadores(as) do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de São Paulo das 13 DRE's, incluindo professores(as), gestores(as), quadros de apoio (como bibliotecários/as) e profissionais do SESC.

Os encontros aconteceram de fevereiro a abril de 2025, e permearam temas como emergência climática, educação ambiental e educomunicação, sendo ministrados por pesquisadores associados e parceiros do projeto, conforme o **Quadro 1**:

¹ Disponível em: sites.usp.br/educomeclima

Quadro 1 - Os encontros e suas temáticas

Encontro	Temática
E1	Embarque: Apresentação da turma e do percurso, Apresentação dos conceitos da Educomunicação e da Educomunicação socioambiental. Distribuição dos Diários de Campo.
E2	O que é a emergência climática?
E3	Narrativas sobre emergência climática - entre o Antropoceno e o Capitaloceno
E4	Produção do documentário colaborativo: aproximação técnica e criativa dos equipamentos de vídeo
E5	Justiça climática
E6	Combate à desinformação e ao negacionismo climático
E7	A educação ambiental climática e o Movimento Escolas pelo Clima
E8	Educação para redução de riscos e desastres e o Cemaden Educação
E9	VI Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente
E10	Produção do documentário colaborativo/ Plano de ação
E11	Apresentação dos planos de ação e finalização do curso

Fonte: A autora.

Os dados foram coletados por meio de diferentes instrumentos: observação participante durante os encontros presenciais, como os registros de campo, anotações reflexivas e estudo de referências bibliográficas. A observação foi orientada pela identificação dos princípios educacionais presentes na formação, bem como pela análise da relação entre clima, território e prática docente.

A escolha pela pesquisa-ação se justifica pela natureza dialógica e transformadora, compreendendo que a formação docente é um processo

coletivo, contextualizado e em constante (re)construção. A intencionalidade formativa do curso, aliada ao envolvimento direto da pesquisadora no processo, permitiu uma imersão crítica e sensível às práticas, às resistências e às possibilidades de transformação pedagógica.

Resultado e discussão

Ao longo do curso, contamos com a participação efetiva de 33 educadores(as) do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de São Paulo, distribuídos em 12 Diretorias Regionais de Educação (DRE's), incluindo professores(as), gestores(as), bibliotecários/as e profissionais do Sescs. Essas foram as pessoas que conseguiram concluir a formação e ser certificadas, mas o curso tinha 50 vagas que foram preenchidas a partir de 136 educadores(as) inscritos(as). É importante destacar também que cada participante representava uma escola diferente, em distintos territórios de São Paulo (abrangendo 12 das 13 Diretorias Regionais de Educação - DREs), e que eles(as) atuavam em diversas disciplinas e funções, sendo a maioria do Ensino Fundamental.

Abaixo inicia-se a análise de como a educomunicação permeou o curso piloto, descrito aula a aula.

- **Encontro 1 - Embarque:** apresentação da turma e do percurso, apresentação dos conceitos da educomunicação e comunicação socioambiental e a distribuição dos diários de campo.

Logo no primeiro encontro, os princípios da motivação, participação ativa e afetividade e cooperação foram observados por meio de uma dinâmica de apresentação em que os participantes puderam conhecer uns aos outros e compartilharam suas percepções iniciais sobre os conceitos de “educomunicação”, “educação ambiental” e “emergência climática”. Esse diálogo entre pares fomentou um ambiente seguro e horizontalidade, atendendo ao princípio de interatividade, valorizando os saberes prévios e promovendo a construção coletiva dos significados.

Além disso, a distribuição dos diários de campo como instrumento reflexivo reafirma o compromisso com o protagonismo, incentivando a autorreflexão contínua e a autonomia na sistematização da experiência. Esses elementos são fundamentais na perspectiva freireana de educação, em que o educador também é sujeito do processo formativo (FREIRE 1996), e se alinham à proposta comunicativa de ampliar a voz dos sujeitos no processo educativo, ressaltando o princípio da integralidade.

• **Encontro 2 - O que é a emergência climática?**

No segundo encontro do curso, a atividade principal foi a realização do Mural do Clima, um jogo colaborativo fundamentado em dados científicos do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC). A proposta é estruturada por meio de cartas de causas e efeitos, que possibilitou aos participantes construíssem, em grupo, um painel visual e conceitual que representa os principais fatores que desencadeiam a emergência climática e seus desdobramentos socioambientais (PADUÁ 2023).

Na atividade observou-se também os princípios da inclusão, participação ativa, interatividade e criatividade, ao mobilizar os professores em uma experiência lúdica e colaborativa, na qual o diálogo entre diferentes visões de mundo foi incentivado. O ambiente e a dinâmica se mostraram propícios à escuta sensível e à construção coletiva do conhecimento, evidenciando o princípio da afetividade e cooperação e da motivação no processo educativo. Outro princípio em destaque neste encontro foi o da observação crítica e experimentação.

Essa apropriação crítica dos dados científicos, articulada à vivência concreta do jogo, fortalecendo o letramento científico e midiático dos educadores, contribuindo para o desenvolvimento de uma postura investigativa e questionadora, um dos pilares da educomunicação e da educação ambiental.

• **Encontro 3 - Narrativas sobre emergência climática - entre o Antropoceno e o Capitaloceno**

No terceiro encontro, foi proposto uma atividade voltada à leitura crítica por meio da plataforma Moodle, que consistia em assistir ao documentário “A Campanha contra o clima”. O vídeo expõe, em detalhes, toda a campanha de desinformação, patrocinada pela indústria de combustíveis fósseis, que tem ajudado a reforçar o negacionismo climático, mesmo diante das evidências científicas consolidadas. Além disso, os participantes foram convidados a selecionar conteúdos midiáticos (como vídeos, imagens, textos ou áudios) que, em sua percepção, exemplificassem como a emergência climática é retratada nos meios de comunicação, nas quais foram geradas reflexões significativas sobre as disputas narrativas em torno da emergência climática durante a aula.

Nesse sentido, destacou-se o princípio educativo da observação crítica e experimentação, pois o exercício de leitura crítica permitiu que os(as) educadores(as) identificassem as estruturas de poder que moldam as narrativas sobre o clima, sendo um passo essencial para a formação de educadores e educadoras comprometidos com uma educação ambiental climática.

Também estiveram presentes os princípios da participação ativa e da qualidade, à medida que os/as participantes se tornaram protagonistas de um processo investigativo e reflexivo, contribuindo com referências oriundas de suas próprias vivências e contextos territoriais. Vale destacar o princípio da motivação, que se evidenciou no engajamento da turma mesmo durante a semana do carnaval, o que sugere não apenas o comprometimento dos participantes, mas também a relevância atribuída ao tema e à abordagem pedagógica adotada.

Por outro lado, este encontro apresentou um menor grau de interatividade, especialmente em relação às trocas entre os pares durante a aula presencial. Essa limitação, possivelmente decorrente da densidade do conteúdo e da estrutura da atividade. Um ponto que foi revisto para o próximo encontro.

- **Encontro 4 – Produção do documentário colaborativo: aproximação técnica e criativa dos equipamentos de vídeo**

O quarto encontro deu início à construção coletiva de um documentário científico colaborativo, com o objetivo não apenas do aprimoramento técnico, mas também a elaboração de uma ferramenta pedagógica que pudesse ser replicável no contexto escolar dos(as) participantes. A produção audiovisual foi pensada como uma metodologia ativa que possibilita aos educadores uma experiência prática e reflexiva sobre como comunicar a emergência climática a partir de seus territórios e realidades.

Durante o encontro, foram apresentadas noções básicas sobre linguagem documental. Os participantes vivenciaram, na prática, dois formatos principais: entrevistas e rodas de conversa gravadas, com o manuseio de equipamentos de vídeo e áudio. Essa etapa foi essencial para que pudessem experimentar, na prática, os potenciais da linguagem audiovisual como instrumento educomunicativo.

Nesta aula os princípios que sobressaíram foram: criatividade, motivação, participação ativa, interatividade, qualidade e afetividade e cooperação, que atravessaram o processo de forma transversal. A dinâmica de gravações propiciou momentos de escuta, acolhimento de ideias e fortalecimento dos vínculos entre os participantes, aspectos fundamentais para a construção de uma prática educomunicativa pautada na dialogicidade.

• **Encontro 5 - Justiça climática**

O quinto encontro abordou uma temática central e, muitas vezes, negligenciada nas discussões sobre emergência climática: o racismo ambiental. A proposta teve como propósito destacar as interseccionalidades entre desigualdades sociais, territoriais e os impactos da emergência climática, oferecendo aos professores e professoras uma oportunidade de compreender como as estruturas de poder e exclusão afetam diretamente os territórios onde atuam.

Durante a atividade, o grupo participou de uma roda de diálogo sobre o tema, baseada nas realidades territoriais dos próprios participantes. Em seguida, vivenciou uma “jogatina pedagógica” com jogos educativos desenvolvidos por estudantes de graduação que cursaram a disciplina Educomunicação Socioambiental em 2024, que buscavam abordar o racismo ambiental de forma lúdica e crítica, tendo como público crianças e jovens do Ensino Fundamental.

Destacaram os princípios da criatividade, motivação, participação ativa, interatividade, qualidade, integralidade e afetividade, inclusão e cooperação. A construção conjunta de sentidos, a escuta entre pares e o reconhecimento das desigualdades ambientais nos territórios vividos contribuíram para o fortalecimento dos vínculos entre os participantes e para a criação de um ambiente de aprendizagem dialógico e engajado.

O princípio da observação crítica e experimentação esteve presente, ainda que não vinculado diretamente ao consumo ou produção de mídias, mas sim na análise das estruturas sociais e na percepção das injustiças ambientais a partir do próprio território de atuação dos professores.

Neste encontro também foi ressaltado pelos participantes/as do curso a limitação de alguns jogos, como grau de dificuldade, tipo de linguagem, principalmente porque o público-alvo é ensino fundamental I e II.

• **Encontro 6 - Combate à desinformação e ao negacionismo climático**

O foco deste encontro esteve no fazer científico como resposta aos desafios contemporâneos impostos pela desinformação. As discussões tiveram como ponto de partida a compreensão dos conceitos de pós-verdade e pós-política, conforme analisado por Bruno Latour (2018), que problematiza o enfraquecimento da autoridade científica diante de disputas ideológicas e da ascensão de discursos negacionistas. Em um cenário marcado por fake news e narrativas distorcidas sobre a emergência climática, a promoção do pensamento científico torna-se um eixo fundamental da educação ambiental climática.

A aula foi orientada a partir da leitura do livro Sapiência: a surpreendente história de como os sapos descobriram a ciência, do professor Carlos Navas (2023). Por meio de uma narrativa lúdica e simbólica, a obra convida uma reflexão sobre os fundamentos da ciência, favorecendo um debate acessível sobre o papel da investigação, da dúvida e da comprovação na formação do conhecimento. A atividade pedagógica foi estruturada para estimular o diálogo e a escuta ativa, criando um ambiente de aprendizagem. A partir disso, foi conversado sobre ciência cidadã, entendida como um processo em que os sujeitos se tornam protagonistas da produção de dados e saberes, especialmente em contextos socioambientais.

Os princípios da participação ativa, interatividade, motivação, inclusão, qualidade, afetividade e cooperação foram destaque, uma vez que a abordagem adotada favoreceu o envolvimento dos educadores e educadoras, ao estimular não apenas a leitura crítica da ciência, mas também o engajamento afetivo com o tema.

- **Encontro 7 - A educação ambiental climática e o Movimento Escolas pelo Clima**

O sétimo encontro teve como foco principal a educação ambiental climática. A aula começou com uma breve contextualização do tema, seguida pela apresentação do Movimento Escolas pelo Clima, rede dedicada a mobilizar e fortalecer práticas educativas voltadas à educação climática no ambiente escolar.

O ponto focal do encontro foi o início da construção dos planos de ação climática, nos quais os/as educadores/as participantes começaram a desenhar estratégias concretas de enfrentamento à emergência climática em seus contextos escolares. O processo foi guiado pela compreensão da importância de definir objetivos claros e coletivos, que orientem o desenvolvimento das ações com propósito e coerência pedagógica.

Neste encontro, estiveram presentes dois estudantes representantes do projeto Imprensa Jovem, da rede municipal de São Paulo. Sua participação trouxe uma contribuição significativa à roda de diálogo, reiterando a relevância do lema “Nada sobre nós, sem nós” quando se trata de juventudes e políticas educacionais. Essa presença reforçou a importância da escuta ativa e da valorização da voz dos estudantes nos processos formativos.

Os princípios educomunicativos destacados neste encontro foram: participação ativa, interatividade, motivação, inclusão, qualidade e afetividade e cooperação. A presença dos jovens impulsionou a percepção de que a formação de agentes climáticos nas escolas passa necessariamente por práticas que envolvam estudantes como sujeitos do processo educativo, não apenas como receptores, mas como cocriadores de soluções.

A integração entre formadores, professores e estudantes evidencia como a educomunicação pode ampliar o campo de atuação da educação ambiental, promovendo espaços dialógicos, horizontais e colaborativos, fundamentais para enfrentar os desafios da emergência climática de forma sistêmica e enraizada nos territórios.

- **Encontro 8 - Educação para redução de riscos e desastres e o Cemaden Educação**

O oitavo encontro fundamentou-se nas ações e metodologias desenvolvidas pelo Cemaden Educação, uma iniciativa do *Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais*, que visa colaborar com a construção de sociedades mais sustentáveis e resilientes por meio da promoção da ciência cidadã, comunicação de riscos e estratégias de educação para prevenção e redução de vulnerabilidades socioambientais (GUERRA et al. 2024).

A proposta metodológica envolveu atividades centradas na ciência cidadã, especialmente com a realização da *Cartografia Social*, em que os participantes compartilharam experiências sobre situações de desastres ambientais vivenciados em seus territórios ou nas escolas onde atuam. Esse momento promoveu uma escuta sensível e dialógica, estimulando o reconhecimento do território como espaço educativo e a valorização dos saberes locais. Na sequência, os educadores foram convidados a elaborar capas jornalísticas a partir das informações mapeadas, exercitando o olhar crítico sobre a produção de narrativas midiáticas relacionadas a desastres. Essa etapa favoreceu o princípio educomunicativo da observação crítica e experimentação, pois exigiu que os participantes refletissem sobre a linguagem, os enfoques e a intencionalidade das mensagens que circulam nos meios de comunicação, bem como sua apropriação pedagógica.

Por fim, os participantes vivenciaram uma atividade pedagógica com jogos paradidáticos desenvolvidos pelo próprio Cemaden Educação, fortalecendo os princípios da interatividade, criatividade, motivação e afetividade e cooperação, e reforçando o potencial lúdico na formação para a cultura de prevenção. Neste encontro, também notou-se o princípio da integralidade, ao agregar saberes e dimensões do ser na construção do conhecimento.

- **Encontro 9 - VI Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA)**

O nono encontro foi dedicado à experiência da etapa escolar da *VI Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente (CNIJMA)*, como uma

forma concreta de mobilização para a educação ambiental crítica e climática dentro do ambiente escolar. O tema desta edição, “*Vamos Transformar o Brasil com Educação e Justiça Climática*”, ressalta a urgência de integrar os diálogos sobre mudanças climáticas, direitos humanos e justiça social no cotidiano da educação.

A CNIJMA é compreendida como um processo pedagógico contínuo, que valoriza a escuta ativa de crianças e adolescentes, promove a cidadania ambiental e estimula a construção coletiva de soluções sustentáveis em suas comunidades. Trata-se de uma proposta participativa, democrática, dialógica e transformadora, que se articula diretamente com os pressupostos da educomunicação, ao favorecer espaços de fala, escuta, criação colaborativa e articulação em rede.

Durante o encontro, os participantes puderam simular as etapas da conferência em seus dois níveis: escolar e estadual, o que permitiu vivenciar na prática os desafios, aprendizados e potenciais dessa proposta. A simulação contribuiu para o fortalecimento do sentimento de pertencimento, da escuta sensível e da formação cidadã, elementos fundamentais para consolidar práticas de comunicação democrática e educação socioambiental transformadora.

Foram observados sete dos nove princípios: 1. Inclusão por meio do reconhecimento dos diferentes contextos e vozes presentes; 2. a criatividade na conferência oportuniza a forma de como apresentar a proposta escolar para os demais; 3. motivação, demonstrada pelo engajamento ativo dos participantes, mesmo em um exercício simulado; 4. a participação ativa, com envolvimento de todos durante todo o processo; 5. interatividade, afetividade e cooperação, e qualidade – presentes na escuta mútua, na argumentação e na construção coletiva de ideias.

Um adendo ao princípio da observação crítica e experimentação também se fez presente, especialmente na análise do processo pedagógico e político da conferência, embora não diretamente vinculado à análise de mídias. Ainda olhando para este princípio, este encontro foi marcado pela presença da equipe da *TV Cultura*, foi possível compreender e acompanhar o processo de construção da informação televisionada, bem como os possíveis impactos positivos ou não para atender o público.

- **Encontro 10 – Documentário Científico Coletivo – Criação de Discurso Audiovisual**

O décimo encontro marcou a continuidade do processo de criação do documentário científico coletivo, desde os primeiros encontros, a gravação de cenas, entrevistas e reflexões já vinha sendo incorporada à prática pedagógica; neste momento, os/as participantes tiveram a oportunidade de aprofundar o conhecimento sobre aspectos técnicos e estéticos da

produção audiovisual, especialmente no que se refere à experimentação de sons e efeitos visuais para a finalização do produto.

Além da dimensão técnica, o encontro também promoveu um momento de reflexão coletiva e avaliativa, em que os/as cursistas revisitaram os principais conteúdos e vivências experimentadas ao longo da formação. Essa dinâmica de autoavaliação dialógica reforçou o papel da escuta sensível, da afetividade e da colaboração como pilares de um processo formativo que reconhece a potência da comunicação como prática educativa e transformadora. A criação do documentário, nesse sentido, funcionou tanto como um registro sensível das aprendizagens quanto como um dispositivo mobilizador de narrativas, vozes e experiências.

Os princípios educomunicativos observados foram: Criatividade, Motivação, Participação Ativa e Interatividade, Qualidade – observada tanto no cuidado técnico como no conteúdo das reflexões e Afetividade e cooperação.

- **Encontro 11 – Apresentação dos planos de ação e finalização do curso**

O encontro final da formação foi dedicado à apresentação dos planos de ação climática, que poderiam ou não ser executados no segundo semestre de 2025. As propostas apresentadas variaram quanto às temáticas, linguagens e contextos, refletindo a pluralidade dos territórios em que os(as) participantes atuam.

Devido ao grande número de participantes e ao tempo reduzido, o espaço de diálogo foi limitado, o que resultou em menor ênfase no princípio da qualidade, especialmente no que se refere à profundidade das discussões.

Por outro lado, neste encontro observamos o protagonismo dos/as participantes, a troca de experiências, uma escuta atenta e respeitosa. Um princípio a ser ressaltado é o da motivação destacada pela presença dos(as) professores(as) mesmo em um contexto de greve, reforçando o compromisso e o prazer em fazer parte dessa construção coletiva.

Este encontro final simbolizou não apenas o encerramento de uma etapa, mas também o início de novos movimentos em prol da educação ambiental climática e da educomunicação nos territórios, uma vez que os mesmos poderão colocar em prática seus planos de ações.

Considerações finais

O curso experimental “Educomunicação Socioambiental: precisamos conversar sobre emergência climática na escola” desempenhou um papel

fundamental ao aproximar os/as participantes da emergência climática, considerando suas visões de mundo. Através do compartilhamento de conhecimentos entre os pares, eles e elas foram estimulados a se tornarem agentes transformadores em seus territórios de atuação, compreendendo e dialogando sobre um tema que cada vez mais aparece na escola, enquanto situação ou fala trazidas pelos educandos. Nesta perspectiva, dialogamos com o Loureiro (2015), que sustenta que:

Compreender o mundo, ter consciência dele, interpretá-lo, “ser mundo”, são acontecimentos que se efetivam tão somente em sociedade. Ao indagar-se, conhecer, compreender, interpretar e agir, o ser humano desperta potencialidades e mobiliza sua capacidade de optar, de decidir, de escolher (ainda que sob as coerções sistêmicas) e, ao exercer a escolha na ação que desenvolve, não muda apenas o mundo, mas muda também sua posição diante do mundo (LOUREIRO 2015).

Com esse olhar, pode-se afirmar que o processo foi educomunicativo, pautado no diálogo, participação e acolhimento, observando que em todos os encontros os princípios da participação ativa e a motivação permearam as aulas a sua totalidade, uma vez que o curso proporcionou espaço para que os/as participantes pudessem ser protagonista do processo e além do prazer de estarem juntos nesta construção coletiva, fazer parte deste momento, sentiram-se acolhidos/cuidados e importantes para a construção conjunta do diálogo.

Com isso, tanto a educomunicação quanto a educação ambiental pressupõem a criação de ecossistemas comunicativos pautados por “uma pedagogia que estimula a criação de espaços de convivência, que propiciam situações que favorecem aprendizagens com/no/sobre o meio ambiente é importante a criação desses ambientes abertos numa relação de simbiose dinâmica entre saberes que atravessam as escolas/bairros/comunidades” (TRISTÃO 2014: 474).

Contudo, pode-se dizer que a educomunicação foi pouco explícita aos participantes, ou seja, não foi explicitado como a educomunicação permeou o curso. Essa observação a equipe de pesquisadores do projeto notou no décimo encontro, quando os/as participantes perguntaram sobre a educomunicação e seu processo dentro de atividade, associando, muitas vezes, com a relação da mídia/documentário.

Os(as) educadores(as) apresentaram em seus planos de ação como a educomunicação se relacionava com seus projetos. Um exemplo é o plano de ação climático desenvolvido pela EMEF Frei Francisco de Mont' Alverne: *Juntos pelo Clima – Uma campanha global Imprensa Jovem*. A proposta busca trabalhar de forma coletiva, valorizando o protagonismo e a criatividade dos(as) estudantes, além de ressaltar o uso crítico da tecnologia. Por meio

de rodas de conversa, entrevistas, vídeos, murais e publicações, eles produzem e compartilham conteúdos em rede, conectando suas vozes a outras escolas do Brasil e do mundo.

Vale ressaltar que o curso experimental, diante das suas potencialidades e desafios, exercitou o “aterramento” proposto por Latour, 2020, ou seja, de compreender os impactos da emergência climática a partir do chão onde se pisa, contribuiu para ressignificar o pensar e “olhar” em relação a escola e ao território.

Referências

BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: Constituição (planalto.gov.br). Acesso em: 10/06/2025.

_____. (1999). *Lei N° 9.795*, de 27 de abril. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1999. Disponível em: <L9795 (planalto.gov.br). Acesso em: 10/06/2025.

_____. (2024). *Lei n° 14.926*, de 17 de julho. Altera a Lei n° 9.795, de 27 de abril de 1999, para assegurar atenção às mudanças do clima, à proteção da biodiversidade e aos riscos e vulnerabilidades a desastres socioambientais no âmbito da Política Nacional de Educação Ambiental. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF.
Acesso em: 10/06/2025.

BRIANEZI, Thaís & GATTÁS, Carmen Lúcia Melges Elias (2022). “A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável”, *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 21, n. 41: 33-43, 2022. Disponível em: <https://www.eea.usp.br/acervo/producao-academica/003117174.pdf> Acesso em: 09/09/2024.

ÇELİK, Mehmet Ali (2022). “A new approach to analyzing ecological problems: planetary boundaries”, *Journal of Geography*, v. 45: 85-95, 2022. Disponível em: Ekolojik Sorunların Analizinde Yeni Bir Yaklaşım: Planeter Sınırlar (istanbul.edu.tr). Acesso em: 08/06/2024.

CIPÓ COMUNICAÇÃO INTERATIVA (2016). “Entretantos: guia de educação pela comunicação na escola”, *Cipó Comunicação Interativa. Entretantos - Guia de Educação pela Comunicação na Escola* by Cipó Comunicação Interativa - Issuu.

CORRÊA, G.C.G.; CAMPOS, I.C.P. & ALMAGRO, R.C. (2018). “Pesquisa-ação: uma abordagem prática de pesquisa qualitativa”, *Ensaio Pedagógicos* (Sorocaba), v. 2, n. 1: 62-72, jan./abr.

DALLA NORA, G.; MANFRINATE, R. & SATO, M.O (2018). “Tratado de Educação e Mudanças Climáticas: uma abordagem fenomenológica”, *Revista Cadernos de Pesquisa em Educação*. N. 48.

DIAS, G.F. (2016). *Antropoceno: Introdução à temática ambiental*. 2 ed. São Paulo, Gaia.

FREIRE, Paulo (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra.

____ (2015). *Extensão ou Comunicação*. ed. 17. São Paulo, Paz e Terra.

GONÇALVES, Maria Emilia dos S. (2021). “Homem e a natureza: a difícil harmonia”, *Revbea - Revista Brasileira de Educação Ambiental*. São Paulo, v. XXII, n. 87.

GUERRA, A.F.S.; MATSUO, P.M.; DE SOUZA FARIA, J.; FRANCO ESTEVES, C.; TRAJBER, R.; OLIVATO, D. & PEREIRA, R.S.D. (2023). “Contribuições do Programa Cemaden Educação Frente aos Desafios da Emergência Climática e na Prevenção de Riscos de Desastres”, *International Journal of Environmental Resilience Research and Science*, [S. l.], v. 5, n. 2. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ijerrs/article/view/32227> Acesso em: 08/06/2025.

GUENTHER, M. & ALMEIDA, M.C.P. (2023). “A educação ambiental no Brasil: marcos legais e implementação curricular”, *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 18, n. 1. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.2023-17629> Acesso em: 01/07/2025.

JACOBI, P.R; ARRUDA FILHO, M.T. & PIERRO, B. (2022). “Ambiente e sociedade em tempos de emergência climática: do resgate histórico ao momento atual”, *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, v. 11, n. 3: 35–46. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/364080516_Ambiente_e_Sociedade_em_Tempos_de_Emergencia_Climatica_Do_Resgate_Historico_ao_Momento_Atual Acesso em: 01/07/2025.

JESUS-SILVA, T.H. & MARTINS, H. (2024). “Rio Grande do Sul e o ecossistema da desinformação: narrativas sobre a crise climática”, *Revista Comunicação Midiática*, v. 19, n. 1: 11–34, jan./jul.

KAPLÚN, M. (1998). *Una pedagogía de la comunicación*. Madrid, Ediciones de la Torre.

LATOUR, Bruno (2020). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo.

LIMA, G.F.C. (2013). “Educação ambiental e mudança climática: convivendo em contextos de incerteza e complexidade”, *Ambiente & Educação*. Santa Maria, v. 18, n. 1: 91-112.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. (2015). “Educação ambiental e epistemologia crítica”, *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, v. 32, n. 2: 159-176, jul./dez.

MARTIN-BARBERO, Jesus (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ.

MOYA, Isabela (2024). “Educação ambiental: como professores têm inovado para ensinar sobre as mudanças climáticas”, *Estadão*, 28 ago. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/educacao/educacao-ambiental-como-professores-tem-inovado-para-ensinar-sobre-as-mudancas-climaticas/> Acesso em: 10/06/2025.

PÁDUA, Suzana (2023). *Mural do Clima*. Disponível em: <https://hubep.org.br/mural-do-clima/> Acesso em: 06/06/2025.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling (2012). “Observação participante e pesquisa-ação”. In: DUARTE, Jorge & BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo, Atlas: 125-145.

SAUVÉ, Lucie (2005). “Educação ambiental: possibilidades e limitações”, *Revista Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 2: 317-322, maio/ago.

SOARES, I.O. (2011). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Paulus.

SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P. & FERRARO, L.A.J. (2005). “Educação ambiental como política pública”, *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2: 285-299, maio/ago.

TRISTÃO, M.A. (2014). “Educação Ambiental e o pós-colonialismo”, *Revista de Educação Pública*, [S. l.], v. 23, n. 53/2: 473–489. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1748> Acesso em: 25/10/2025.

ZEZZO, L.V. & COLTRI, P.P. (2022). “Educação em mudanças climáticas no contexto brasileiro: uma revisão integrada”, *Terræ Didatica*, Campinas, SP, v. 18, Publ. Contínua: 1-12. DOI: <https://doi.org/10.20396/td.v18i00.8671305>.

ZUPELARI, M.F.Z. & WICK, M.A.L.A (2014). “Incerteza do futuro e a questão ambiental na contemporaneidade”, *REMEA - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental*, 31(2): 230—246.

DOI: <https://doi.org/10.14295/remea.v31i2.4709>

Sobre a autora

Fernanda Rivello Lazar é Educadora Socioambiental e Pesquisadora no Projeto *Educom&Clima*. Mestranda em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, com foco em educomunicação e emergência climática. Especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (UNIFESP) e em Meio Ambiente (IFMG). Tecnóloga em Meio Ambiente e Recursos Hídricos (FATEC), atua na interface entre comunicação e educação ambiental.